

Aciomar de Oliveira

Afirmação

Eu sou negro de alma e corpo
De extensa linhagem de heróis anônimos
de arma em punho e coração aberto
negro de face marcada com a lágrima
ferramenta de frio corte que penetra minha armadura
sou negro de máscara em rosto e dedo em riste
tenho direito de ser negro
negro de cabelos crespos ou não
negro de riso largo e cabelo trançado
negro de pele
negro de coração
negro engajado
negro por herança
Olhos por espelho
A minha pele não me deixa optar
Sou negro e ponto.
Ser negro de coração é opção, é dom
Pode ser que no meio da minha guerra eu te sorria
Sou guerreiro
A minha ginga é luta não confunda
Ou você entra na roda ou leva uma rasteira

(Todas as vozes, p. 41.)

Grafite

Eu te obrigo a ver
o meu corpo grifado como muro
na periferia desta étnica cidade
ali a letra artefato belicoso
transgride e transmuta
a arte pétrica
erigindo valores outros
neste espaço tudo concebo
tudo confesso
imprimo a esperança
de ver a minha face blindada
grafada na história do meu país

(Todas as vozes, p. 39.)

Grito de Amarildo

Olha o rio, Amarildo
Aqui da margem
Ele tremula como uma bandeira
De oliva
Há muito que estava seco

Esperança alguma conduzia
Olha o rio, Amarildo
As águas sobem e não trazem paz
É o rio da desigualdade
Traz gemidos e ecos na noite
Olha o rio, Amarildo
Eledeságua
No mar da intranquilidade
Naufraga a esperança
Vai no rio, Amarildo
O rio do esquecimento
Rio das densas águas
Indignação em lágrimas
Torrente de vozes arredias

(*Todas as vozes*, p. 34.)

O negro

Leva em si o estigma do açoite
Deixando passar entre o céu e a alma
Um corante rumor de revolta
Acuado entre o silêncio e o grito mudo
Entrincheirado entre a dor e a redenção
Resquícios de intenso sofrimento
Contorce seu corpo numa ginga violenta
Esquivando-se das ofensas
Dançando num manifesto proibido
Combina suavidade e força
Solta sua voz no vento
E ninguém ercebe até que queira
O que é vento
O que é voz

(*Todas as vozes*, p. 36.)

Todas as vozes

Todas as vozes que eu escuto
Andam presas nos guetos
Às vezes dançam entre os ventos
Como palavras invertebradas
Às vezes adormecem
Como punho cerrados
E amanhecem
Cirurgicamente recompostas
Às vezes escapam como trovões
Relâmpagos negros
Às vezes são como esperanças
Livres ecos que no céu rugem
Num vôo de aves assustadas e feras enfurecidas

Depois produzem o negro fogo da consciência
Ode o imortal e o indizível
Renascem no fim da tempestade

(*Todas as vozes*, p. 40.)